



Alceu Martins Parreira, experimentado estudioso dos problemas cafeeiros, publicou no início do corrente ano o livro: **UMA GERAÇÃO ENTRE DUAS CRISES DO CAFÉ**. No prefácio escrito na Fazenda Pinkeirinho, em Anáclândia e em Santos, conta Alceu Martins Parreira como nasceu o mencionado livro. Diz ele, inicialmente, na introdução:

"Fui passar um fim de semana na fazendola, para ver as novas plantações, conversar com os camaradas e os vizinhos — é uma zona de pequenas propriedades — naquele ambiente que nos dá a agradável impressão de haver-mos nos reencontrado com as nossas origens humildes — de caboclo paulista.

Aproveitei a vagareza para rascunhar a conferência, que nos propusera fazer oportunamente, sob os auspícios do Rotary Club de Santos com o título "Uma Geração entre Duas Crises do Café. Estava "com a mão na massa", sobre a máquina de escrever, quando chegou uma visita, — a do velho Albiéri, sítante das redondezas. E prototipo daquela notável estirpe de imigrantes italianos, laboriosos, afetos ao amanho da terra, cujos braços livres substituíram, com grandes vantagens, o trabalho escravo, e depois tanto concorreram, em tôdas as atividades para o progresso de São Paulo.

Começando pela clássica referência ao tempo, com as queixas pela falta de chuva e pelo sol inclemente, que estava prejudicando seriamente as plantações de milho e de arroz — este já dando mostras de precisar ser semeado de novo — a conversa caiu sobre a crise do café. A oferta (450 cruzeiros por saca, em côco) que Albiéri obtivera pela sua "safra" — (apenas 80 sacas em côco, mas que era parte importante da produção do sítio) — lhe pareceu ridícula. Não fosse o resultado da venda de leite — outro auge de sua propriedade — esse preço lhe daria prejuízos. Isso, sem contar o que economizava, com seu próprio serviço na roça, assim como o dos filhos, que trabalhavam ombro a ombro com as camaradas — a base daquele imperativo, que seus antepassados trouxeram da pátria "lontana" — "chi non lavora non mangia".

Mas o que mais intrigava o vizinho — contemporâneo da crise da década de 30 — era a desvantagem que agora existe em relação àquela época. Então, o café havia caído bastante, mas o nosso dinheiro — o saudoso "mil reis" — não só valia muito, como parece que tivera o poder aquisitivo aumentado, na razão inversa da queda do valor do café. Tudo era barato. Com o pouco que recebiam, pela colheita, compravam muita coisa. Havia uma certa compensação dentro da crise. Agora, dava-se justamente o contrário: o café, da safra passada para esta, caíra cerca de mil cruzeiros a saca no interior; mas o que o lavrador precisa, para viver, estava diluído encarecendo e, até, dobrando de preço. Como explicar-se isso? Como poderiam dessa forma manter a lavoura de café?

Disse ao meu interlocutor que, em minha modesta opinião, o mal vinha de longe, mas fora agravado pela forma com que o Governo agiu, na safra passada (57/58). Adotando um critério meramente político e imediato interno, sem a menor consideração à finalidade precípua da produção cafeeira — que é a exportação — o chamado "plano cafeeiro" se, por um lado, assegurou à lavoura preços elevados, por outro lado — pela redução das exportações e por tôda a série de improvisações lá acorrentando a mesma lavoura às dificuldades — que ora a asoberbam — inerentes às consequências inflacionárias do próprio plano, aliadas ao efeito desintegrador que a sua execução trouxe às tradicionais ligações, que foram abruptamente cortadas, entre o comércio cafeeiro e os centros de produção, ao mesmo tempo que a propaganda oficial lançou-se em grande campanha, visando a intrigar a lavoura com o comércio cafeeiro, assim aprofundando a divisão da frente interna.

Tudo se fizera, a partir de junho de 1957, como se a safra daquele ano fosse a ÚLTIMA a ser colhida; como se não fosse prevista, a seguir, em 58/59 uma safra ainda maior. Nada se considerou além de junho de 1958. Um dos maiores responsáveis pelos desastros, que então se praticavam, disse a um médico paulista, que também é cafeicultor, e que o interpelara sobre o espantoso do grande safra de 1958/59 estar tranquilo, sublinhando com um sorriso malicioso o seu otimismo, assegurando que "tinha certeza" de nos aguardear, no inverno deste ano, uma geada arrasadora, que consentiria as coisas...

Alceu Martins Parreira conta a seguir como veio a renunciar à presidência da Associação Comercial de Santos, no que foi acompanhado pelos companheiros de diretoria. Essa renúncia teve o sentido de um protesto e de libelo contra os desastros da política cafeeira.

A seguir escreve:

"Despedidos os dirigentes dessa lavoura "política cafeeira", que jogaram como disseram, "todos os recursos da Nação", (com parceiros de "cartas marcadas"), no que foi provavelmente a maior aventura jamais havida no país, em matéria de comercialização do café — ficaram os seus substitutos e a lavoura a braços com as tremendas realidades da maior safra deste ano, os remanescentes da safra anterior entupindo os portos, o comércio desorganizado, etc. etc. E apesar dos esforços das novas autoridades, procurando abreviar a execução das medidas financeiras, a duras penas asseguradas à safra nova — as exportações estão sendo feitas em regime de guerra de preços entre os portos nacionais (sem falar nos contrabandos); as cotações não se sustentam; o custo da produção aumenta vertiginosamente; e o desalento vai tomando corpo entre os produtores cujas lavouras terão de ser abandonadas, com todo o seu corolário de consequências sociais e econômicas.

E os novos dirigentes do setor cafeeiro do Governo, influenciados e assessorados por eminentes economistas, parece não se aperceberem de que o tempo caminha rapidamente, que as finanças foram abdicadas, e que, mesmo se admitindo o abandono de algumas lavouras velhas neste ano, a safra futura não será menor. E, dentro os grandes planos monetários do Governo, nada de produtividade existe, para enfrentar a situação do café — no sentido de procurar dar-lhe uma solução de base, em que se combinem o aspecto agrônomico e a prevenção das consequências de variada ordem, numa espécie de reajustamento econômico a "priori". Não se abalancam, os técnicos oficiais — apesar dos tremendos resultados já observados, na incíria passada, e mais que passada — a encerrar a economia cafeeira do país na complexidade das suas co-relações e no sentido panorâmico dos seus fundamentos para sua prosperidade futura. Persiste, infelizmente, no caso do café, essa vocação fatalista, de baixar as vistas para o hoje, não as alçando para o amanhã. Acodem-se, às vezes a preço muito elevado, os problemas do momento, sem pensar na sua interligação com os percalços da frente. Busca-se defender a safra, do ano, e não o café, do Brasil. O que é tanto mais estranhável, por serem os atuais titulares os autores dos arrojados planos das "metas" da infra-estrutura de uma fase mais avançada do desenvolvimento econômico do país — os mesmos que revelam desinteresse ou timidez nisso, que seria outra meta notável — a planificação do reajustamento agro-econômico da cafeicultura brasileira.

Se existe, agora, uma como que insensibilidade geral, inclusive de parte do Governo, face às perspectivas sombrias que, a exemplo dos idos de 1929, a crise cafeeira apresenta, para a economia geral do país — isso talvez seja devido à menor significação que o café passou a ter, no cômputo da renda na

Sacos **TRES PONTOS** para colheita de café.

Encerados **HELVÉTICA** para terreiros e caminhões.

Panos para colheita e lençóis para terreiro de café — 100% GARANTIDOS

TECELAGEM HELVÉTICA S. A.

Fábrica: **SANTO ANDRÉ** — Rua 24 de Maio, 237  
C. Postal. 137 - Tel. 44-3778 - End. Tel.: Helvetica

Escritório: **SÃO PAULO** — R. Major Quedinho, 99  
4.º andar - C. Postal, 3497 - Telefone 32-8144  
End. Telegráfico: Helvetica

Estado de São Paulo

